

A descrição das partes da oração na primeira gramática portuguesa para o ensino feminino

Marlene Loureiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Abstract

The grammar *Breve Compendio da Gramatica Portugueza para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa* (1786) [Brief Compendium of Portuguese grammar to be used by the girls attending the Visitation Monastery in Lisbon] appears as the first Portuguese grammar written by a woman in order to teach female pupils, not only Portuguese language but also other languages like French, Italian and Latin. Indeed, this grammar has the merit of being the first *Grammaire des Dames* in Portuguese, for a female audience in the historical and cultural context of the eighteenth century, a time when formal education was mostly denied to women. Thus, our paper intends to explore the historical and cultural context of the grammar, to present its most relevant stylistic and discursive features according to which women and female education were viewed at that time, emphasizing its linguistic and historiographical importance.

Keywords: Portuguese grammar, women, *grammaire des dames*, historiographical linguistics

Palavras-chave: gramática portuguesa, mulheres, *grammaire des dames*, historiografia linguística.

1. Introdução

A gramática *Breve Compendio da Gramatica Portugueza para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa*, datada de 1786, surge, no âmbito da historiografia linguística portuguesa, como a primeira gramática dedicada ao ensino feminino e, também relevante, escrita por uma mulher. Por estes dois factos, sublinhamos a importância desta obra no panorama histórico, linguístico e cultural português. Desta forma, consideramos pertinente analisar as partes da gramática e da

oração apresentadas neste compêndio, pois ocupam o maior número de páginas da obra, fazendo uma comparação com a proposta anterior de António José dos Reis Lobato, que em 1770 publicou a conhecida *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*, já que esta, para além de ser sua contemporânea, foi primeira gramática portuguesa para o ensino público

2. A autora: Francisca de Chantal Álvares (1745-?)

Este *Breve Compendio da Gramatica Portugueza para uso das Meninas que se educação no Mosteiro da Visitação de Lisboa* aparece como uma espécie de obra anónima, cuja autora se identifica no rosto somente como “*Por huma Religioza do Mesmo Mosteiro*”, na folha de rosto, e pelas iniciais F. C., no fim do segundo prefácio. A falta de informações sobre a autora é corroborada pelo bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva, que unicamente referencia a obra:

368) *COMPENDIO (BREVE) DE GRAMMATICA PORTUGUEZA para uso das meninas que se educam no mosteiro da Visitação de Lisboa, por uma religiosa do dito*. Lisboa, na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo 1786. 8.º gr. de VI-64 pag.(Silva, 1859, vol. II: 93).

Para além de Inocêncio, Barbara Schäfer-Prieß (2000), ao debruçar-se sobre a gramaticografia portuguesa entre 1540 e 1822, foi a primeira investigadora a referenciar e analisar esta gramática, sem conseguir, no entanto, identificar a referida autora.

Não obstante, mais recentemente, Kemmler, Assunção e Fernandes (2010) apresentam um artigo que conclui que a autora até agora desconhecida, ou melhor, que assinava com F. C., era a Irmã Francisca de Chantal Álvares, que se chamara Ana Inácia do Coração de Jesus antes se tornar religiosa:

Estes trechos da *Historia da Fundação do Mosteiro da Visitação em Lisboa* confirmam claramente que a autora até agora conhecida meramente como F. C. não é outra pessoa senão a Irmã Francisca de Chantal Álvares que se chamara Ana Inácia do Coração de Jesus antes de se tornar religiosa visitandina (Kemmler *et al.*, 2010).

Os mesmos investigadores acrescentam que Francisca de Chantal Álvares, para além de ter redigido esta gramática, também se dedicou ao ensino linguístico das pensionistas enquanto ainda era noviça. Todos estes conhecimentos linguísticos de Francisca de Chantal Álvares decorriam então do facto de ela ter sido confessada por Teodoro de Almeida, enquanto este estava desterrado no Porto (de 1760 até 1768; veja-se Santos, 2007: 372), mas também do facto de ela ser irmã mais nova do oratoriano portuense Manuel Álvares de Queirós (1739-1777) (Cf. Andrade, 1982: 491-497;

Gomes 1997), que fez parte da elite cultural portuense da época (cf. Kemmler, Assunção e Fernandes, 2010).

Por último, Kemmler, Assunção e Fernandes (2010), tendo descoberto o assento de nascimento de Ana Inácia do Coração de Jesus, afirmam que ela nasceu em 1745.

3. O *Breve Compendio de Grammatica Portugueza* (1786)

O *Breve Compendio da Grammatica Portugueza para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa* foi publicado numa única edição em 1786 por Antonio Rodrigues Galhardo, que era o impressor da Real Meza Censoria.

Como o próprio título *Breve Compendio* o sugere, esta obra é pequena, contendo somente 51 páginas, mais 4 páginas com prefácios e 3 páginas com a “*BREVE ADVERTENCIA*” no final da obra, embora ambos não paginados, o que revela o caráter sumário e sintético da gramática. Não obstante a dimensão reduzida, esta obra tem o seu valor historiográfico-linguístico, uma vez que se trata da primeira *Grammaire des Dames* em língua portuguesa, cuja autora, sublinhamos novamente, é uma mulher, sendo o público-alvo igualmente feminino (cf. “[...] *para o uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa*”).

Neste seguimento, o primeiro prefácio da obra, dirigido “*A’s Religiosas encarregadas da educaçaõ das Meninas*”, encarregues também do ensino linguístico, a autora apresenta como grande objetivo da educação feminina a formação de boas mães de família, uma vez que estas seriam condição *sine qua non* para a “[...] perfeição dos Cidadãos e o Bem do Estado” (Álvares, 1786: [ii]). Portanto, a autora concilia o ensino secular com o ensino espiritual. No que respeita ao ensino, Francisca de Chantal Álvares sublinha a importância do conhecimento gramatical da língua materna para a aprendizagem de outras línguas. Só possuindo bons conhecimentos da língua materna, se pode passar à aprendizagem de outras línguas. Por isso, com o objetivo de consolidar os conhecimentos da língua materna, a autora propõe-se fazer um resumo dos bons gramáticos:

Para esse fim compilei dos bons Gramaticos que ha, hum brevissimo rezumo, para as vossas discipulas, que espero que será mui util, ao menos não vos será desagradavel o dezejo que tenho em facilitar a instrucçaõ das que a vem buscar no nosso Mosteiro, para utilidade sua, e gloria de Deos, que he e deve ser o fim das nossas açcoens (Álvares, 1976: [ii]).

Já no segundo prefácio, Francisca de Chantal Álvares dirige-se “*A’s Meninas Educandas*”, explicando-lhes, de maneira coerente com o prefácio anterior, que a felicidade, quer material, quer espiritual, passa pela formação nas Artes e nas Línguas. A presente gramática serviria, assim, para aprender a língua materna, quer falada, quer escrita. Depois de terem conhecimento da língua materna, as meninas poderiam iniciar o

estudo de outras línguas, como o francês, o italiano e o latim. Tendo em conta o contexto socio-cultural da época, parece óbvio que o objetivo deste ensino não era a formação académica das mulheres, mas contribuir para a sua formação como boas esposas e boas mães de família, tal como ficou explícito no primeiro prefácio.

Por último, devemos sublinhar a modéstia da autora, que não assina a obra, e a sua dedicação e amor ao ensino secular e espiritual, presentes no encerramento do prefácio.

3.1. Conteúdo e estrutura

Tal como já referimos, o *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa* data de 1786 e tem uma dimensão bastante reduzida, pouco mais de meia centena de páginas. Quanto à sua estrutura interna, a obra tem dois prefácios, uma breve advertência final e a gramática propriamente dita encontra-se dividida em quatro capítulos, subdivididos em vários subcapítulos, como demonstra a tabela seguinte:

<i>Breve Compendio da Gramatica Portuguesa (1786)</i>	Págs.
Rosto	[i]
<i>A's Religiozas encarregadas da educação das Meninas</i>	[iii-iv]
<i>A's Meninas Educandas</i>	[v-vi]
CAPITULO I. <i>Da Natureza e Partes da Gramatica Portuguesa em geral.</i>	1-34
I. [<i>GRamatica</i>]	1-2
II. <i>Do Nome.</i>	3-9
III. <i>Dos Artigos que formão a declinação dos nomes: e dos Pronomes.</i>	9-10
IV. <i>Do Verbo em geral.</i>	11-16
V. <i>Conjugação do Verbo auxiliar.</i>	16-19
VI. <i>Conjugação do Verbo auxiliar Ser</i>	19-22
VII. 1. ^a <i>Conjugação dos Verbos em ar Amar.</i>	22-24
VIII. 2. ^a <i>Conjugação dos Verbos em er Defender.</i>	25-27
IX. 3. ^a <i>Conjugação dos Verbos em ir Applaudir.</i>	28-31
X. <i>Das outras partes da Oração: Participio, Preposição,</i>	32-34

A DESCRIÇÃO DAS PARTES DA ORAÇÃO NA PRIMEIRA GRAMÁTICA PORTUGUESA
PARA O ENSINO FEMININO

<i>Adverbio, Conjuncção, e Interjeição.</i>	
CAPITULO II. <i>Da Sintaxe.</i>	34-44
I. <i>Das Regras mais ordinárias.</i>	35-38
II. <i>Das Figuras.</i>	38-44
CAPITULO III. <i>Da Sillaba, e Acentos.</i>	45-48
I. [A Sillaba]	45
II. Advertencia para o verso.	47-48
CAPITULO IV. <i>Da Orthografia.</i>	48-51
I. <i>Das Letras grandes.</i>	49-50
II. <i>Das letras dobradas. Regras.</i>	50-51
<i>BREVE ADVERTÊNCIA. Para as primeiras liçoens das Meninas, que principião a lêr o Francês.</i>	[i-iii]

Como se pode confrontar nesta tabela, a parte da gramática mais extensa é a que diz respeito às partes da gramática e da oração, sobretudo o verbo, que ocupam mais de metade da obra. Será exatamente nestes dois pontos que nos vamos concentrar, fazendo sempre uma comparação com a conhecida *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*, saída a lume em 1770 pela mão de António José dos Reis Lobato. A escolha desta gramática de Lobato e não outra passa pela contemporaneidade do gramático relativamente a Francisca de Chantal Álvares, bem como pelo facto de a sua gramática ser a primeira gramática portuguesa para o ensino público. Efetivamente, a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* (1770), de António José dos Reis Lobato, vem incrementar o ensino vernacular e, por isso, “[...] teve um valor pedagógico notável para a época: durante um século ela foi o suporte da aprendizagem do ensino da língua materna [...]” (Assunção 2000: 67). Esta gramática aparece como a primeira gramática escolar oficial e o seu uso por parte dos professores de latim torna-se obrigatório.

Por outro lado, como referiu Rolf Kemmler, embora a gramática de Lobato tivesse sido publicada em 1770, já antes eram conhecidas as partes da oração propostas por Lobato (Kemmler, 2007: 421).

Por último, destacamos a *BREVE ADVERTENCIA*, que surge no final da gramática, onde, indo ao encontro do que disse no prefácio, a autora apresenta algumas regras para ler a língua francesa partindo da língua portuguesa e dos seus sons. Também aqui a autora bebe em Lobato (1770), pois para este a aprendizagem da língua materna era suporte para a aprendizagem das línguas estrangeiras.

3.2 As partes da Gramática

Francisca de Chantal Álvares começa a sua gramática por afirmar que quem quer saber falar uma língua tem de saber quatro coisas, que corresponderiam então às quatro partes da Gramática, sistematizadas nos quatro capítulos que apresenta a sua obra: as partes da oração, sintaxe, sílaba e ortografia, ou seja, na terminologia contemporânea da autora: Etimologia → Sintaxe → Prosódia → Ortografia:

Quatro cousas se devem saber para fallar huma lingua. 1. as palavras, 2. a disposição dellas, 3. o modo de as pronunciar, 4. o modo de as escrever: sobre estas quatro partes da Gramatica, faremos quatro Capitulos; o 1. das partes da Oração; isto he das palavras, e suas diferentes especies. o 2. da sua disposição, a que se chama *Sintaxe*: o 3. do modo de as pronunciar, a que se chamar *Syllaba*: o 4. do modo de escrever, a que chamaõ *Ortografia* (Álvares, 1786: 1).

Também para António José dos Reis Lobato, a gramática portuguesa tem quatro partes. No entanto, a designação que lhes atribui e a ordem de aparecimento são diferentes: ortografia → prosódia → etimologia → e sintaxe:

Consta a Grammatica Portugueza de quatro partes, que são: Orthografia, Prosodia, Etymologia, e Syntaxe.

A Etymologia, de que havemos de tratar em primeiro lugar, he a parte da Grammatica, que ensina as diversas especies de palayras, que entrão na oração Portugueza, e as suas propriedades (Lobato, 1770: 1-2).

No entanto, no que se aborda em cada parte da gramática, os assuntos são correspondentes. Portanto, temos duas partes com designações iguais, a ortografia e a sintaxe, e duas com designações diferentes: a Etimologia, que equivale ao conceito moderno de morfologia, que estuda as palavras, corresponde então às ‘partes da oração’, como refere Álvares (1786), e à Prosódia, que trata da pronúncia das palavras, Álvares chamou Sílaba. Vemos, assim, que Álvares (1786) foge à terminologia clássica usada por Lobato, nunca adotando os termos etimologia e prosódia. Barbara Schäfer-Prieß (no prelo: Cap. 4.2.3) postulou que o termo ‘etimologia’ só surge associado às partes da oração e não à palavra (no sentido histórico de léxico) em Lobato (1770: 1) e em Barbosa (1807: 1; 1822: 1).

No que concerne ao que se entende por Gramática, a definição de Gramática de Álvares (1786) é muito semelhante à de Lobato, pelo seu carácter normativo e ainda pela definição apresentada em função da oração. Em síntese, Gramática seria a arte de falar e escrever uma língua sem erros, definição que tem em conta o critério sintático:

A DESCRIÇÃO DAS PARTES DA ORAÇÃO NA PRIMEIRA GRAMÁTICA PORTUGUESA
PARA O ENSINO FEMININO

Lobato (1770: 1)	Álvares (1786: 1)
<p>A GRAMMATICA Portugueza he a Arte, que ensina a fazer sem erros a oração Portugueza.</p> <p>Desta definição se collige ser a oração Portugueza o fim das regras da Grammatica Portugueza.</p>	<p><i>GRamatica</i> he huma <i>Arte</i> que <i>ensina a fallar huma lingua sem erros</i>: ou por outro modo: huma <i>Arte que ensina a combinação justa das palavras que compoem a oração</i>.</p>

Antes de começar pelas partes da oração, Francisca de Chantal Álvares (1786) começa por distinguir as letras, das sílabas e das palavras, uma vez que “[...] a Oração se compoem de *palavras*; a palavra de *Sillabas*, a Silaba de letras [...]” (Álvares, 1786: 2). Assim, começa por distinguir nas letras as vogais e as consoantes. Por sílaba entende a “[...] composição de huma vogal, e alguma, ou algumas consoantes [...]” (Álvares, 1786: 2), sublinhando que pode haver sílabas constituídas por uma só vogal. Já por palavra entende “[...] toda a composição de sillabas, que significa alguma coisa, ou acção [...]” (Álvares, 1786: 2). Também Lobato (1770), antes de fazer a descrição das partes da oração, faz uma breve distinção entre palavras, sílabas e letras (Lobato, 1770: 2-3):

DA oração Portugueza são partes as palavras, ou vozes Portuguezas.

A palavra Portugueza he qualquer voz significativa da Lingua Portugueza como v.g. *Ceo, Terra*.

Compoem-se a palavra de syllabas, como v.g. a palavra *Livro*, que se compoem de duas syllabas, que são *li*, e *vro*.

A syllaba he a comprehensão de hum som perfeito, que se pronuncia com hum só espirito, ou accentto, como na sobredita palavra *livro*, tanto *li*, como *vro* he syllaba, porque cada hum deles faz hum som perfeito, que se profere com hum só espirito, ou accentto.

Compoem-se a syllaba de huma, ou mais letras, como se vê na palavra *A-le-gre*, que consta de três syllabas, das quaes a primeira tem huma só letra, a segunda duas, e a terceira tres (Lobato, 1770: 2-3).

Relativamente às letras, também distingue as vogais e as consoantes, apresentando-as, e esclarece o que são ditongos (Lobato, 1770: 4-6).

3.3. As partes da Oração

À semelhança de Lobato, a autora do *Breve Compendio* considera a existência de nove partes da oração, nomeadamente: o nome, o pronome, o artigo, o verbo, o particípio, a preposição, o advérbio, a conjunção e a interjeição. Porém, como se pode confrontar na tabela abaixo, a ordem de enumeração das partes da oração não é equivalente em Lobato e em Álvares:

Lobato (1770: 7)	Álvares (1786: 3)
<p>Na lingua Portugueza ha nove especies de palavras, de que como partes póde constar a oração Portugueza, a saber: <i>Artigo, Nome, Pronome, Verbo, Participio, Preposição, Adverbio, Conjunção, Interjeição</i>. Destas as primeiras cinco são declinaveis, por variarem a terminação, isto he, a ultima syllaba com mudança, ou accrescentamento de letras; e as outras são indeclinaveis, por conservarem sempre a mesma terminação. De todas trataremos por sua ordem.</p>	<p>HA nove castas de palavras; que iremos explicando pouco a pouco em seus lugares competentes; e vem a ser, <i>Nome, Pronome, Artigo, Verbo, Participio, Preposição, Adverbio, conjunção, Interjeição</i>.</p>

Desse modo, a ordem de aparecimento das partes da oração irá divergir. Salienta-se ainda o facto de Lobato (1770) distinguir à partida entre palavras declináveis e indeclináveis, algo que Álvares (1786) só fará aquando da explicação de cada classe de palavras. Mesmo assim Álvares (1786) apresenta-as ordenadas por variabilidade.

3.3.1. O Nome

No que concerne ao nome, a autora fornece uma definição que se assemelha à definição semântico-ontológica de Lobato no sentido de Schäfer-Prieß (no prelo: cap. 4.5.1), distinguindo, tal como Lobato (1770), entre nome substantivo e nome adjetivo.

Lobato (1770: 9)	Álvares (1786: 3)
<p>NOme he huma voz, com que se nomeão as cousas, e as suas qualidades, assim como <i>Esmeralda</i>, que significa huma cousa; e <i>Verde</i>, que desta cousa, ou de outra semelhante significa a qualidade de ter a cor verde.</p> <p>O Nome ou he Substantivo, ou Adjectivo.</p>	<p>Chamamos Nome a <i>palavra que significa alguma coisa, ou qualidade delle</i>; como v. g. <i>Deos, Poderoso, &c.</i></p>

3.3.1.1. O Nome substantivo

Quanto ao nome substantivo, Francisca de Chantal Álvares é muito sintética comparativamente a Lobato, pois não estabelece qualquer subdivisão dentro do nome substantivo.

Lobato (1770: 10)	Álvares (1786: 3)
<p>Substantivo he aquelle, que por si só, isto he, sem dependencia do Adjectivo, significa completamente huma cousa, assim como <i>Ceo, Terra</i>.</p> <p>O Nome Substantivo ou he Proprio, ou Appellativo.</p>	<p>O <i>Nome</i> que significa a cousa em si, se chama <i>Substantivo</i>, como v. g. <i>Deos, Pedro, virtude, maldade, &c.</i></p>

3.3.1.2. O Nome adjetivo

No atinente ao nome adjetivo e respetivo subcapítulo, Francisca de Chantal Álvares já se alonga mais. Não obstante, para explicar o nome adjetivo recorre à oposição com o nome substantivo, diferenciando-os e definindo-os. Talvez por isso, o subcapítulo sobre o nome substantivo tivesse ficado tão reduzido.

Assim, como se pode verificar na tabela a seguir, tanto Lobato (1770) como Álvares (1786) socorrem-se da comparação com o nome substantivo para explicar o nome adjetivo.

Lobato (1770: 11-12)	Álvares (1786: 3-4)
<p>O Nome Adjectivo he aquelle, que significa a qualidade da cousa, que significa o Nome Substantivo; pelo que delle depende para fazer sentido completo, como v. g. o Adjectivo <i>Branco</i>, que por si só não faz sentido completo, por significar a qualidade de huma cousa que tem a cor branca, mas como por si só não exprime qual ella-seja, por isso depende de se ajuntar a hum Nome Substantivo; assim como <i>Neve; Cal</i>, ou outro semelhante, que signifique</p>	<p>O <i>Nome</i> que significa a qualidade da cousa, se chama <i>Adjectivo</i>; se dizemos <i>Deos Poderoso, Pedro Santo, virtude amavel, maldade horrorosa</i>. Os nomes <i>Poderoso, Santo, amavel, e horroroso</i> são adjectivos.</p> <p>A differença entre o <i>Substantivo</i>, e <i>Adjectivo</i> consiste, em que o Substantivo póde subsistir só por si na oração; como se eu disser tenho huma <i>esmeralda</i>; sem dizer nada della, nem que he grande, nem</p>

<p>a cousa, da qual elle exprime a qualidade de ter a cor branca.</p>	<p>bonita, nem de grande preço. Mas o <i>Adjectivo</i> só per si não faz sentido, sem algum <i>Substantivo</i> a que se enconste, se digo <i>verde</i>, <i>grande</i>, <i>custosa</i>, não se sabe o que quero dizer, nem se fallo de huma <i>Planta</i>, ou de algum <i>panno</i>, ou de alguma <i>pedra preciosa</i>, &c.</p>
---	--

Por outro lado, tanto Lobato (1770), como Álvares (1786) concluem que o nome adjetivo só existe e tem sentido se aparecer ligado ao nome substantivo, enquanto este pode existir sozinho na oração, guiando-se por um critério semântico e sintático.

Ainda no que diz respeito ao nome adjetivo, a autora do *Breve Compendio* considera no mesmo contexto a existência de diferentes tipos, atualmente graus: os positivos (adjetivos no grau normal), os comparativos e os superlativos.

Ainda relativamente aos nomes adjetivos, mas incluindo também os nomes substantivos, Álvares (1786) considera dois géneros, o masculino e o feminino, não referindo o género neutro da língua latina. Embora não apresente qualquer regra para diferenciar o masculino e o feminino, justifica-se dizendo que existem demasiadas exceções e argumenta que o género é variável de língua para língua, podendo as regras levar a mais erros na aprendizagem de outras línguas (Álvares, 1786: 6-7).

Por último, a autora termina o subcapítulo sobre os nomes, apresentando e explicando o número dos nomes: o singular e o plural. Termina remetendo para o caso dos nomes e sua declinação, talvez por influência das gramáticas latinas para ensinar a língua materna que, na época, eram muito comuns e que vão ver o seu declínio a partir do surgimento da *Arte da Grammatica* de Lobato, que propugna o ensino vernacular da língua.

3.3.2 O Artigo

Também relativamente ao artigo, Francisca de Chantal Álvares é muito sintética comparativamente a Lobato:

A DESCRIÇÃO DAS PARTES DA ORAÇÃO NA PRIMEIRA GRAMÁTICA PORTUGUESA
PARA O ENSINO FEMININO

Lobato (1770: 8-9)	Álvares (1786: 9-10)
<p>ARtigo he huma palavrinha, que por si só não significa cousa alguma completamente; mas posta na oração antes do nome Appellativo, ou Commum, lhe restringe, e determina a sua significação geral, fazendo-a pertencer a huma só pessoa, ou cousa. Como se vê v. se eu disser: <i>Pedro, dá-me os Livros</i>. Onde o Artigo <i>Os</i> anteposto ao nome Appellativo <i>Livros</i> lhe determina a sua significação geral, por onde elle convem a todos, os livros, e a faz competir determinadamente áquelles certos livros, que Pedro sabe quaes são. Pelo contrario se eu disser: <i>Pedro, dá-me Livros</i>, então o nome <i>Livros</i> por não ter antes de si Artigo, não determina os livros que Pedro me ha de dar, por competir a sua significação geralmente a todos os livros.</p>	<p>CHamamos Artigos estas brevissimas palavras que precedem os nomes, para significar os diversos modos com que fallamos do que elles significão: v.g. dizendo <i>o</i> Templo, ou <i>ao</i> Templo, ou <i>pelo</i> Templo; sempre fallamos do Templo, mas de diverso modo. Pela Declinação do nome assim se vê o uso de varios artigos.</p>

Não obstante, é comum a enunciação do carácter breve dos artigos e a definição ou explicação daqueles segundo a sua posição sintática na oração, ou seja, a posição de próclise em relação aos nomes.

3.3.3. O Pronome

Como se pode ver na tabela seguinte, os gramáticos postulam que o pronome fica em lugar do nome, significando a coisa substituída.

Lobato (1770: 38-39)	Álvares (1786: 10)
<p>PRonome he aquelle, que na oração se poem em lugar de outro nome, como quando digo <i>Pedro estuda Grammatica e o mesmo ha</i></p>	<p>Chamamos <i>Pronome</i> á palavra que se poem em lugar do <i>nome</i>, para significar o mesmo que significou o Nome: v. g. se digo: <i>David matou o</i></p>

<p><i>de estudar Rhetorica.</i> Onde a palavra <i>mesmo</i> he pronome, que se poem em lugar do nome Pedro para evitar a sua repetição; pois seria fastidiosa no mesmo periodo, se dissessemos: <i>Pedro estuda Grammatica, e Pedro ha de estudar Rhetorica.</i></p> <p>Divide-se o Pronome em varias especies, que são: <i>Demonstrativo, Reciproco, Possessivo, Relativo, e Interrogativo.</i> Entre estes chamão-se primitivos aquelles, que se não derivão de outros, e derivados aquelles, que se derivão dos primitivos. Todos são adjectivos, tirando <i>Eu, Tu, Si</i>, que a opinião commua dos Grammaticos julga substantivos.</p>	<p><i>Gigante, mas este era mais corpulento que aquelle.</i></p> <p>A palavra <i>este</i> ou estoutra <i>aquelle</i>, são huns <i>pronomes</i>, que se põe em lugar do <i>Gigante</i>, e de <i>David</i>, e significão naquelle lugar o mesmo, que se repetissemos os nomes <i>Gigante</i> e <i>David</i>, dizendo <i>David matou o Gigante, mas o Gigante era mais corpulento que David.</i></p>
--	---

Da análise da tabela, rapidamente percebemos que Lobato (1770) tinha uma noção mais completa das diferentes subclasses do pronome, que Álvares nem sequer enuncia. Fica-se somente pela enumeração de alguns exemplos: “Na Lingua Portugueza temos muitos pronomes, como são, *este, aquele, aquel’outro, Eu, Tu, elle, Nós, Vós, a Mim, a Ti, a Si, o qual, cujo, &c.*” (Álvares, 1786: 10).

3.3.4. O Verbo

São as considerações relativas ao verbo que ocupam mais páginas na obra de Francisca de Chantal Álvares. No que diz respeito à definição de verbo, compare-se as propostas de Lobato (1770) e de Álvares (1786), que recorrem ao mesmo verbo exemplificativo (*amar*):

Lobato (1770: 62)	Álvares (1786: 11)
<p>VERbo he huma palavra, que na oração affirma alguma cousa, como v. gr. nesta oração: <i>Pedro ama as virtudes</i> onde a palavra <i>ama</i> he verbo porque affirma a acção, que</p>	<p>CHamamos <i>Verbo</i> aquella palavra, que significa alguma cousa, dando a entender o tempo em que se exercitava a sua significação; v. g. se digo: <i>Amo, amei, amarei,</i></p>

Pedro faz de amar as virtudes.	significa Amor exercitado ora no tempo presente, ora passado, ora futuro.
--------------------------------	---

Portanto, tal como referiu Barbara Schäfer-Prieß (no prelo: cap. 4.5.4.2), enquanto Lobato fornece uma definição lógica do verbo, baseada na afirmação, Álvares (1786) define o verbo segundo um critério semântico, através da ação.

Ainda no que diz respeito ao entendimento do verbo, Francisca de Chantal Álvares (1786) considera a pessoa, o número e valoriza o tempo, destacando, desde logo, o presente, o passado e o futuro. Nesta sequência apresenta quatro modos verbais: o indicativo, o conjuntivo, o imperativo e o infinitivo. Quanto aos tempos verbais do modo indicativo expõe o presente, o imperfeito, o perfeito, o mais-que-perfeito e o futuro. Já no modo conjuntivo, enuncia o presente, o imperfeito, o mais-que-perfeito e o futuro. Dentro do modo infinitivo, enquadra o particípio ativo e o particípio passivo. Neste seguimento, explica o que se entende por tempos compostos e faz a conjugação dos verbos auxiliares *ter*, *haver* e *ser*. Por último, a autora chama a atenção para o facto de os verbos portugueses terem “três classes de conjugações, que se distinguem pela terminação do infinitivo pessoal” (Álvares, 1786: 22), ou seja, conjugações com tema em *a* (*amar*), em *e* (*defender*) e em *i* (*aplaudir*).

Da apresentação que faz dos verbos, vemos que Álvares (1786) não fornece grandes explicações sobre os usos e significados dos tempos e modos verbais. Praticamente todo o subcapítulo é dedicado à apresentação dos paradigmas verbais nos diferentes exemplos.

3.3.5. O Particípio

Para Álvares (1786), o particípio é uma espécie de palavra com elementos comuns do nome e do verbo. Tal é também a definição propostas por Lobato (1770).

Lobato (1770: 167)	Álvares (1786: 32)
<p>Participio he hum nome adjectivo, que participa (do que lhe provém o nome) do verbo, de que se deriva a propriedade de mostrar tambem o tempo, em que se obra a cousa, que significa, como v. g. o Participio <i>Reinante</i>, que significa não só a pessoa, que reina, mas tambem mostra que reina no tempo</p>	<p>CHamamos Participio huma voz que participa do nome e do Verbo, como v. g. <i>Amando</i>, e <i>Amado</i>; <i>Defendendo</i>, e <i>defendido</i>, &c. os primeiros que tem hum <i>n</i> antes da terminação em <i>do</i>, sempre são activos, porque suppoem que se exercita a acção de defender, &c. quando não ha <i>n</i> antes do final <i>do</i> he</p>

<p>presente.</p> <p>O Participio ou he activo, ou passivo.</p> <p>Participio activo, he aquelle, que significa o que obra alguma acção no tempo presente, como v. g. <i>Amante</i>, que significa o que obra a acção de amar no tempo presente. Participio passivo he aquelle, que significa o que padeceo a acção, que alguém obrou no tempo passado, como v. g. o Participio passivo <i>Amado, Amada</i>, que significa o que padeceo a acção de amar, que outro obrou no tempo passado.</p>	<p>passivo, porque se recebe a acção: v. g. <i>defendido</i>.</p>
--	---

Percebemos que, à semelhança de Lobato (1770), Álvares também entende que os participios se subdividem em participios ativos e passivos, diferenciando-os através da ideia de quem pratica ou sofre / recebe a ação, respetivamente.

3.3.6. A Preposição

A partir da preposição, Francisca de Chantal Álvares (1786: 32) introduz as palavras invariáveis, ou indeclináveis, como refere. A definição que propõe de preposição é muito similar à apresentada por Lobato (1770), como se pode ver na tabela seguinte:

Lobato (1770: 168-169)	Álvares (1786: 32)
<p>Preposição he huma voz indeclinavel, que por si só não tem significação completa; mas posta na oração antes do nome, rege a este para estar no caso, que ella pede.</p> <p>Exemplo. Se eu disser: <i>Em</i>, esta palavra, que he huma preposição por si só proferida não tem significação completa. Mas se eu disser: <i>Em Lisboa está o Collegio dos Nobres</i>, então a preposição <i>Em</i> rege o nome</p>	<p>Preposição he huma voz indeclinavel, que não tem significação por si só; porém posta antes do nome o rege, como se dissermos, <i>em Roma está o Papa</i>, a preposição <i>em</i> rege o nome <i>Roma</i>: o mesmo fazem as preposições <i>antes, depois, emsima, para, dê, &c.</i></p>

<i>Lisboa</i> , a que se antepoem, e faz que esteja em ablativo.	
--	--

3.3.7. O Advérbio

Também no que respeita ao advérbio, a autora do *Breve Compendio* é muito concisa, limitando-se a explicar e a fornecer um só exemplo:

Lobato (1770: 170)	Álvares (1786: 33)
ADverbio he huma voz indeclinavel, que por si só não significa nada completamente; mas junta na oração a outra palavra, lhe declara o modo da sua significação. Exemplo. Quando digo v. g. <i>Pedro fallou eloquentemente</i> , a palavra <i>eloquentemente</i> he adverbio, que junta ao verbo <i>fallou</i> exprime o modo, ou circumstancia da acção de fallar, que o dito verbo significa, isto he, declara que a acção de fallar foi com eloquencia.	O Adverbio he huma voz indeclinavel que dá ás outras certo modo de significar o que de si significaõ. Como v.g. Luiza escreve <i>excellentemente</i> , o adverbio <i>excellentemente</i> diz o modo com que se escreve.

3.3.8. A Conjunção

No atinente à conjunção, mais uma vez, Francisca de Chantal Álvares recorre a explicações muito próximas das de Lobato (1770).

Lobato (1770: 172)	Álvares (1786: 33-34)
CONjunção he huma voz indeclinavel, que por si só não tem significação completa; mas posta no discurso, serve de ajuntar os membros, ou partes delle, do que lhe provém o nome. Exemplo. Quando digo v. g. <i>Pedro lê, e Paulo escreve</i> , a palavra <i>e</i> he conjunção; porque neste discurso, que consta de dous membros, ou sentenças, ata, e une a	A Conjunção he huma voz indeclinavel, que serve de atar duas partes da oração, v.g. dois nomes, ou dois verbos: v.g. se digo Pedro e Paulo, a Conjunção (<i>e</i>) ata os dois nomes: <i>Pedro roubou e matou</i> , a Conjunção (<i>e</i>) ata dois Verbos, &c. Ha Conjunções de unir como v.g. <i>e, tambem</i> , &c. e Conjunção de separar, v.g. <i>ou</i> ; como se disser, <i>ou</i>

sentença, ou oração <i>Pedro lê á</i> sentença, ou oração <i>Paulo escreve</i> .	<i>Deos, ou o Demonio fizeraõ isto</i> , a Conjunção ou atando as palavras, separando-os em contraposição; o mesmo faz a Conjunção <i>Nem, &c.</i>
--	--

Repare-se, mais uma vez, na similitude na definição e explicação da conjunção entre Lobato e Álvares, sendo inclusive retomados os nomes *Pedro* e *Paulo* que Lobato usou nos seus exemplos.

3.3.9. A Interjeição

Por último, resta a interjeição. Mais uma vez, a autora do *Breve Compendio* é muito sucinta e o seu discurso, parecendo, na essência, seguir a definição de Lobato (1770):

Lobato (1770: 174)	Álvares (1786: 34)
<p>INterjeição he huma voz indeclinavel, que serve para exprimir as varias paixões da nossa alma.</p> <p>Como são diversas as paixões da alma, por isso para se declararem se inventarão diferentes especies de interjeição. As mais usuaes são as que se seguem.</p> <p>De dor: <i>Ai</i>.</p> <p>De repugnancia: <i>Apaga, Fóra</i>.</p> <p>De incitar: <i>Eia</i>.</p> <p>De sentimento, exclamarão, e de pedir soccorro: <i>Ah</i>.</p> <p>De espanto: <i>Ahi</i>.</p> <p>De suspender: <i>Ta</i>.</p> <p>De chamar, prazer, pezar, desejo, admiração, exclamação: <i>O</i>.</p> <p>Algumas destas palavras não são interjeições por sua natureza, assim como <i>Ahi</i>, que na realidade he adverbio, mas toma-se como</p>	<p>A Interjeição he huma voz indeclinavel, que serve para exprimir as paixões da alma, como v.g. <i>Ay, Eia, Ah, fóra, oh, &c.</i></p>

interjeição, quando he sinal de espanto.	
--	--

Observa-se mesmo o uso coincidente das palavras: “[...] he huma voz indeclinavel, que serve para exprimir as varias paixões da nossa alma.” (Lobato, 1770: 174) e “[...] he huma voz indeclinavel, que serve para exprimir as paixões da alma [...]” (Álvares, 1786: 34).

A partir da interjeição, surge novo capítulo – *Da sintaxe*, “que ensina a boa organização destas nove partes da Oração” (Álvares, 1786: 34). No entanto, este, tal como os outros dois capítulos (*Da Sillaba, e Acentos e Ortografia*) não são objeto de estudo deste artigo por razões de espaço.

4. Conclusão

Em jeito de conclusão, podemos afirmar, após análise das partes da gramática e das partes da oração, que Francisca de Chantal Álvares como primeira gramaticógrafa portuguesa mostrou sólidos e bons conhecimentos gramaticais, apresentando as diferentes partes da oração com explicações e exemplos diversos por forma a facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Neste ponto, salienta-se que esses exemplos são bastante próximos da religião, indo ao encontro do público-alvo e da finalidade que Álvares (1786) havia referido no prefácio, conciliar o ensino secular com o espiritual e religioso.

Por outro lado, não podemos deixar de referir que as definições das partes da oração por si parecem muito semelhantes ao que está presente na gramática de António José dos Reis Lobato, uma vez que existem passagens textuais explicativas muito semelhantes, embora sempre prevaleça em Álvares a tendência de sintetizar. A este facto não é alheia a ideia de ser normal os gramáticos seguirem a estrutura dos trabalhos dos seus antecessores. Tal leva-nos a acreditar pode levar-nos a supor que Francisca de Chantal Álvares tinha conhecimento da *Grammatica da Lingua Portugueza* de Lobato. Não obstante, não podemos deixar de reiterar o seu carácter mais sintético e sumário, que mais não foi do que o objetivo traçado por Francisca de Chantal Álvares logo no prefácio, fazer um “brevíssimo resumo” dos bons gramáticos. Por outro lado, o próprio nome da obra e o adjetivo que o antecede – *Breve Compendio* – para isso remetem.

Por último, sublinhamos a importância historiográfica e cultural da obra, uma vez que esta se constitui como a primeira *Grammaire des Dames* escrita em língua portuguesa. A isso acresce a grande valorização que é dada à língua portuguesa, cujo conhecimento e domínio surge como indispensável para a aprendizagem de outras línguas, como francês, italiano e latim.

Referências

- Adão, Áurea (1997) *Estado absoluto e ensino das primeiras letras: As escolas régias (1772-1794)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Textos de Educação).
- [Álvares], F[rancisca] de [C]hantal (1786) *VIVA † JESUS / BREVE COMPENDIO / DE / GRAMMATICA PORTUGUEZA / PARA O USO / Das Meninas que se educaõ no Mosteiro / da Vizitação de Lisboa. / Por huma Religioza do mesmo Mosteiro. // LISBOA / Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, / Impressor da Real Meza Censoria. / Anno M DCC LXXXVI. / Com licença da mesma Real Meza.*
- Andrade, António Alberto Banha de (1982) *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (temas portugueses).
- Argote, Jerónimo Contador de (²1725) *REGRAS / DA LINGUA / PORTUGUEZA, / ESPELHO DA LINGUA / LATINA / Com disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza, / DEDICADA / AO PRINCIPE / DE PORTUGAL / Nosso Senhor, / PELO PADRE / DOM JERONYMO / Contador de Argote, Clerigo Regular, e Academico / da Academia Real da Historia Portugueza. / Muyto accrescentada, e correcta. / Segunda impressãõ. // LISBOA OCCIDENTAL, / NA OFFICINA DA MUSICA / M. DCC. XXV. / Com todas as licenças necessarias.*
- Assunção, Carlos da Costa (1997) *Gramática e Gramatologia*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga.
- Barbosa, Jerónimo Soares (¹1807) *AS DUAS LINGUAS, / OU / GRAMMATICA / PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / COMPARADA / COM A / LATINA, / Para / Ambas se aprenderem ao / mesmo tempo. / POR / JERONYMO SOARES BARBOZA, / Deputado da Junta da Directoria Geral dos / Estudos, e Escolas do Reino na / Universidade de Coimbra // COIMBRA / NA REAL IMPRESSAÕ DA UNIVERSIDADE.*
- B[arbosa], J[erónimo] S[oares] (¹1822) *GRAMMATICA / PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / OU / PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL / APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM. / POR J. S. B. / Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Es- / colas do Reino em a Universidade de Coimbra // Lisboa: / NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS.*
- Beck-Busse, Gabriele (1994) *La grammaire française dédiée à mes jeunes amies: bibliographie raisonnée de manuels de la langue française à l'usage de la jeunesse féminine (1564-1850). Histoire Epistémologie Langage 16/II, págs. 143-168, em: http://kaali.linguist.jussieu.fr/HEL_public_domain/HEL_16_2/HEL_16_2_pp009-033.pdf (última consulta: 18 de janeiro de 2010).*
- Caeiro, Baltazar Matos (1989) *Os Conventos de Lisboa*, Lisboa: Distri Editora.

- Cardoso, Simão (1994) *Historiografia Gramatical (1500-1920): Língua Portuguesa - Autores Portugueses*, Porto: Faculdade de Letras do Porto (Revista da Faculdade de Letras, Série Línguas e Literaturas; Anexo 7).
- Dobnig-Jülch, Edeltraud / Staudinger, Susanne (1994): “Frauen + (viel) Grammatik = (viel) Frauengrammatik? Zur Verbreitung und Typologie spezieller Grammatiken im 18. Jahrhundert”, em: *Histoire Epistémologie Langage* 16/II, págs. 143-168, em: http://kaali.linguist.jussieu.fr/HEL_public_domain/HEL_16_2/HEL_16_2_pp143-168.pdf (última consulta: 18 de janeiro de 2010).
- Gomes, João Pereira (1997) ÁLVARES (Manuel). Roque Cabral, Francisco da Gama Caeiro, Manuel da Costa Freitas, Alexandre Fradique Morujão, José do Patrocínio Bacelar Oliveira, e António Paim (Dirs.) *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, A-D*, Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, cols. 201-202.
- HFMVL em Santos (2007) = “Historia da Fundação do Mosteiro da Vizitação em Lisboa: No anno de 1784”, em Santos (2007: 465-629).
- Kemmler, Rolf (2007) *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea (Beihefte zu *Lusorama*; 1. Reihe, 12. Band)
- Kemmler, Rolf, Carlos Assunção, e Gonçalo Fernandes (2010) A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino (Lisboa, 1786). *Diacrítica: série ciências da linguagem* 24, 1, pp. 373-393.
- Kemmler, Rolf, e Schäfer-Prieß, Barbara (no prelo) Eine Salesianernonne als Grammatikerin: Die Frauengrammatik *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa* (1786). Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Prieß, Roger Schöntag (no prelo) *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachwissenschaftsgeschichte I*, Tübingen; Vila Real: Calepinus Verlag.
- Lobato, António José dos Reis (¹1770) *ARTE / DA GRAMMATICA / DA LINGUA / PORTUGUEZA. / COMPOSTA, E OFFERECIDA / AO ILL.^{MO} E EXC.^{MO} SENHOR / SEBASTIÃO JOSÉ / DE CARVALHO E MELLO, / Ministro, e Secretario de Estado da Sua Magestade Fidelissima da / Repartição dos Negocios do Reino, Alcáide Mór da Cidade de / Lamego, e Senhor Donatario das Villas de Oeyras, Pombal, / Carvalho, e Cercosa, e dos Reguengos, e Direitos Reaes da / de Oeyras, e de Apar de Oeyras, Commendador das Com- / mendas de Santa Marinha de Mata de Lobos, e de S. / Miguel das tres Minas na Ordem de Christo, &c. / PELO BACHAREL / ANTONIO JOSE' DOS REIS / LOBATO. // LISBOA. / Na REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA / Anno MDCCLXX. / Com licença da Real Meza Censoria (XLVIII, 253 pp.).*

- Santos, Zulmira C[olho dos] (2002) Percursos e formas de leitura “feminina” na segunda metade do século XVIII. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* 19, 2002, pp. 71-110.
- Santos, Zulmira C[olho dos] (2004): Para a história da educação feminina em Portugal no século XVIII: a fundação e os programas pedagógicos das visitandinas. Jorge Martins Ribeiro, Francisco Ribeiro da Silva, Helena Osswald, Maria Antonieta Cruz (eds.) *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, vol. 3, pp. 985-1001, em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5030.pdf> (última consulta: 21 de janeiro de 2010).
- Santos, Zulmira da C[onceição] T[Trigo] G[omes] M[arques] C[olho dos] (2007) *Literatura e Espiritualidade na Obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).
- Schäfer-Prieß, Barbara (2000) *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300).
- Schäfer-Prieß, Barbara (no prelo) *A Gramaticografia Portuguesa de 1540 até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*, Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1858-1958) *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*; [a partir do vol. IX: *continuado e ampliado por Brito Aranha*], 23 vols., Lisboa: Na Imprensa Nacional. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.